

Nome Vulgar

pitósporo, pitósporo-ondulado, pau-incenso, incenseiro, falsa-árvore-do-incenso (4, 5, 14)

Pittosporum undulatum
Vent.

PLANTAS INVASORAS EM PORTUGAL

Como reconhecer

Árvore ou arbusto perene, verde escuro, de flores brancas.

Micro-mesofanerófito perene até 10-15m com ritidoma cinzento. Folhas pecioladas ovado-lanceoladas, agudas, glabras, de margem ondulada. Flores com pétalas brancas, lanceoladas reunidas em cimeiras umbeliformes. Cápsulas obovóides, glabras, bivalves, cor-de-laranja quando maduras. Sementes envolvidas por mucilagem (2).

Espécies semelhantes

Por vezes confundida com *Laurus nobilis* L. (loureiro) mas este tem aroma forte, bagas pretas e as folhas não têm as margens onduladas. Mais raramente pode ser confundido com *Viburnum tinus* L. (folhado), enquanto jovem, mas este apresenta tufo de pêlos nas axilas das nervuras da página inferior.

Origem

Sudoeste da Austrália (5).

Motivos para a introdução

Introdução para ornamentação de jardins, arborização urbana e sebes (6).

Estatuto legal em Portugal

Espécie invasora (32).

Distribuição em Portugal Continental

Beira Litoral, Estremadura (5).

■ regiões do país em que está registada a ocorrência desta espécie

Características que facilitam a invasão

Forma densos aglomerados que impedem o crescimento de outras espécies. Apresenta uma enorme capacidade de atrair polinizadores, o que diminui a disponibilidade de agentes polinizadores para as plantas nativas e, simultaneamente, maximiza a sua produção de frutos e sementes (até 37.500 sementes/árvore) (17). Os indivíduos regeneram vigorosamente depois de danificados (3).



folhas de margens onduladas e flores brancas



aspecto geral da árvore



Ambientes preferenciais de invasão

Tem sido observado como invasora, frequentemente em áreas geridas onde foi plantada como ornamental (7) e a partir de onde dispersou, por vezes no subcoberto. Pouco exigente quanto ao solo. Desenvolve-se bem no litoral e em terrenos calcários. É uma espécie de luz, mas suporta bem a sombra (14). Surge também na margem de estradas e locais ruderalizados (5).



H. Marchante © 2005
cápsulas obovóides imaturas

Metodologias de Controlo

Controlo físico: As plântulas são facilmente arrancadas, mas é importante que não fiquem raízes no solo. O arranque deve ser efectuado na época das chuvas de forma a libertar mais facilmente as raízes.

Controlo químico: As árvores devem ser cortadas junto ao solo e aplicado químico imediatamente após o corte, em questão de segundos, para ter maior eficácia. A aplicação deve limitar-se rigorosamente à touça tratada. Podem usar-se herbicidas com 2,4-D ou glifosato. Se ocorrer formação de rebentos, estes devem ser eliminados quando atingirem 15 a 30 cm de altura através da pulverização nas folhas, com glifosato diluído em água a 2%, ou repetição do corte. O tratamento deve ser repetido cada vez que os rebentos atingirem a altura indicada. Alguns trabalhos sugerem uma tendência para eliminação das plantas com 4 aplicações/cortes sucessivas. Outro tratamento possível consiste em realizar cortes sucessivos e intercalados na base do tronco, separados 10 cm em altura, em redor de todo o tronco. Deve-se aplicar glifosato diluído a 2% em água em cada corte, no momento em que cada um deles é feito (17).

A ter em atenção

P. undulatum rebenta vigorosamente de touça e raiz após corte, o que torna a remoção mecânica trabalhosa e dispendiosa (17). O controlo de seguimento é muito importante para controlar rebentos e emergência de plântulas (3); a sua ausência pode resultar na rápida re-invasão da área. A persistência é fundamental até que não sejam observados mais rebentos.

A aplicação do químico deve realizar-se nos primeiros segundos após o corte - quanto menor o tempo entre o corte e a aplicação do produto, maior a eficácia do tratamento. Descuidar este aspecto resulta muitas vezes no reduzido sucesso da metodologia.

É fundamental que se respeite rigorosamente a informação dos rótulos dos herbicidas e os cuidados gerais da aplicação de químicos, nomeadamente, a não aplicação em dias de chuva ou dias de muito vento e a utilização de material de protecção.



H. Marchante © 2005
cápsulas com o tom alaranjado característico

+ cápsula aberta com as sementes envolvidas por mucilagem
(canto superior esquerdo)

Referências bibliográficas consultadas:

(2) Franco, J.A. 1971. Nova Flora de Portugal (Continente e Açores). Vol. I: Lycopodiaceae - Umbelliferae. Edição do Autor. Lisboa. Pág. 258. (3) Weber, E. 2003. Invasive Plant Species of the World - A Reference Guide to Environmental Weeds. CABI Publishing. Switzerland. Pág. 333. ISBN 0851996957. (4) Fernandes, F.M. & Carvalho, L.M. 2001. Portugal Botânico de A a Z - Plantas Portuguesas e Exóticas. LIDEL. Lisboa. Pág. 284. ISBN 972-757-265-0. (5) Paiva, P. 1997. Pittosporum. in: Castroviejo, S. [et al] (ed.). Flora Iberica - Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. vol. V Ebenaceae - Saxifragaceae. Real Jardín Botánico, CSIC. Madrid. Pág. 73. (6) Almeida, J.D. 1999. Flora exótica subespontânea de Portugal Continental (Plantas Vasculares). 2º ed. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Pág. 72. (7) Almeida, J.D.; Marchante, E.; Marchante, H. & Freitas, H. 2004. A brief report on the invasive flora of Portugal. Aliens. 18: 16-18. disponível: http://www.issg.org/aliens_newsletter/Aliens18.pdf. consultado: 1/8/2005. (14) Franco, J.A. 1943. Dendrologia Florestal. Imprensa Lucas & C.ª, Lisboa. Pág. 162. (17) Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental. 2005. Espécies Exóticas Invasoras: Fichas técnicas - Pittosporum undulatum. disponível: http://www.institutohorus.org.br/download/fichas/Pittosporum_undulatum.htm. consultado: 10/03/2005. (32) Decreto-Lei n.º 565/99, de 21 de Dezembro (DR n.º 295/99, I-A Série) - Regula a introdução na natureza de espécies não indígenas da flora e da fauna.

Compilação da informação: Elizabete Marchante¹, Hélia Marchante²
Design Gráfico: Vítor Carvalho², Jorge Tavares

Desenvolvido no âmbito do projecto INVADER (POCTI/BSE/42335/2001) www.uc.pt/invasoras
Mais informação: invader@ci.uc.pt Dezembro de 2005



¹Instituto do Mar
Dep. Botânica, Univ.
Coimbra



²DCEA, Escola
Superior Agrária de
Coimbra